

Col. 8

SERMAM

QVE PREGOV

O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA
de IESVS na caza e professa da mesma Companhia em
16. de Agosto de 1642.

*NA FESTA QVE FEZ AS. RO QVE ANTONIO
Tellez da Silva do Concelho de guerra de Sua Magestade Governador,
& Capitam Geral do Estado do Brasil &c.*



Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa, na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1642.

SERMAM
 OVE PREGOV
 O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPAHIA
 de ISSVS a casa professa de melhor Companhia em
 16 de Agosto de 1642

E APOSTA OURE PEE A S ROONE ANTONIO
 Telle de 21 ordo C ontillo de guerra de sua Majestade Catholica
 don. O. Capitam Genral de Eftado de Brasil O. Capitam



Em Lisboa, na Officina de Domingos Lopez Rosa, Anno 1642.
 Com o seu as licenças necessarias.

*Vi cum venerit, & pulsauerit, confestim
aperiant ei.* **Lucaë cap. 12.**



VERDADEIRAMENTE q se algum
hora prèguey sobre thema forçado, se
algum hora não tiue liberdade de elei
ção sobre as palauras do Euangelho,
foy na occasiã presente. Nem eu pu
dera tomar outro thema, que o que
propuz, nem poderey seguir nelle ou
tra exposiçã, que a que logo direy,
de S. Gregorio. O fim, & intento de todo o Euangelho
he querer Christo seus seruos vigilantes, & preparados
para quando lhe bater à porta. Isso vem a dizer em sum
ma as nossas palauras: *Vi cum venerit, & pulsauerit, confestim
aperiant ei.* Se perguntarmos aos Doutores quando, & de
que maneira bate Deus às portas de nossas almas: respon
de Sam Gregorio Papa no sentido mais literal, que todos *Greg.*
seguem: *Pulsat cum per agritudinis molestias esse mortem vi-* *hom. 13*
cinam designat: que nos bate Deus às portas d' alma por *in Euang.*
meio das enfermidades do corpo. Se perguntarmos mais, *gel.*
quando, & de que maneyra abrimos com pontualidade
a Deus; responde o mesmo Santo Doutor, & com elle *Beda cõ*
muytos outros: *Cui confestim aperimus, si hunc cum amore sus-* *ment. in*
cipimus: que abrimos a Deos com pontualidade, quando *Lucam.*
o recebemos com amor. De sorte que o bater, & o abrir *Haymo*
das portas de nossa alma consiste, em bater Deos por en- *homil. 5*
fermidade, & em abrimos nds por charidade. *Pulsat per in hoc*
agritudinis molestias. Aperimus si cum amore suscipimus. Bem *Euang:*
diffe eu logo, que nem pudera tomar na occasiam presen
te outro thema, nem seguir nelle outra exposiçã. Cele
bramos

bramos hoje as gloriosas memorias do Illustrissimo confessor de Christo Sam Roque, cujas portas fermosissimas d'alma se estão vendo tão batidas, & tam abertas, que duvido qual mais quisesse fazer nellas a providencia Divina, se theatro de sua paciencia ao Ceo, se exemplar de sua charidade á terra. Encontrarãose ás portas daquela alma no mesmo tempo duas mãos, por fóra a de Deos batendo, por dentro a de Roque abrindo, & ainda que o amor não se conquista com golpes, quam rigoroso insistia Deos no bater, tão amoroso se mostrava Roque no abrir: Deos batia por enfermidades, *Pulsat per aegritudinis molestias*: Roque abria por charidade, *Aperimus si cum amore suscipimus*. Supposta esta conformidade facil do Evangelho, parece que se encaminhará o nosso discurso a S. Roque pella correspondencia maravilhosa, que teve sua charidade com suas enfermidades. E ainda que eu estava mais para pedir ao Santo remedio das proprias, que para ponderar finezas das suas; diremos em quanto poderemos com o fauor da Divina graça. *Ave Maria.*

Vt cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiant ei.

SUPPOSTO que nos bate Deos ás portas d'alma por meyo das enfermidades do corpo, hũa couza muy singular acho no glorioso foyeito de nossa oração, & he, que foy tão vigilante servo S. Roque em acudir ao bater de Deos, que não só acudio pontualmente quando lhe batia ás portas proprias, se não tambem quando batia ás alheas. Là bateo hũa vez o esposo ás portas da alma Santa; & com ser Santa acudio tam pouco diligente, que quando chegou a abrir já o esposo cansado de esperar, se tinha partido: *Surrexit ut aperirem dilectam meam, at ipse declinaverat, atque transierat*. Verdadeiramente que se a esposa dos Cantares não representàra as almas de toda a Igreja, creio que deixàra Deos a alma San-

ta, & se desposará cõ a alma de Roque. A alma Santa tal vez não acode a Deos, quando lhe bate ás portas proprias S. Roque, ou lhe bata Deos ás proprias, ou às alheas, sempre acode diligente.

E se me perguntão quando aconteceu isto a S. Roque quando acudio com esta pontualidade a hum, & outro bater de Deos? digo que sempre, em duas occasioens: ou quando lhe batia Deos ás portas proprias, por meyo de enfermidades suas, ou quando batia ás portas alheas, por meyo das enfermidades dos proximos: *Pulsat per egritudinis molestias*. Andando taõ fervorosa em hum, & outro abrir sua charidade: *Aperimus si cum amore suscipimus*; que das enfermidades alheas adoezia, & com as enfermidades proprias curava: das enfermidades alheas tirava doença para si, das enfermidades proprias tirava faude para nós. Não he modo de encarecer, se não verdade liza. Quando Sam Roque sahio de França para Italia, o exercicio, & instituto de vida que tomou, foy servir aos enfermos nos hospitaes, donde (posto que curou muytos milagrosamente) sahio com hũa grave enfermidade, que lhe deu larga materia de paciencia. Voltando para a patria, & chegando se lhe o fim ditoso de sua peregrinaçãõ, permitio o Senhor que fosse ferido de peste, de que morreo em breves dias; mas despois de morto foy achado com hũa taboa nas mãos escrita por ministerio de Anjos, na qual promettia que todos os enfermos de peste, que se encomendassem em sua intercessãõ, sarariaõ daquelle mal. Assi que das enfermidades alheas tirava doença para si, & das enfermidades proprias tirava remedio para nós. Quando serve aos enfermos, toma por premio a doença; quando morre da enfermidade, deixa em testamento a faude. Athè aqui pontualidade de acudir a Deos, athè aqui engenhoso artificio, & artificioso extremo de charidade! Adoeecer com as enfermidades alheas, & curar com as enfermidades proprias. Excellencia he esta, que sò duas vezes acho escrita, hũa vez junta, outra dividida: se dividida

uidida, em S. Paulo, & em Christo: se junta, no glorioso S. Roque.

II.

VA Y contando São Paulo o muyto que tinha padecido em feruiço dos proximos, & diz assi aos Corinthios: *Quis infirmatur, & ego non infirmor? Que* homem ha que adoeça, que nam enferme eu tambem cõ elle? Notauel dizer! Parece que ou a charidade he hum bem contagioso, que se pèga a todos os males; ou todos os males são contagiosos em respeito da charidade, que se pegaõ aquem a tem; *quis infirmatur, & ego non infirmor?* Mas como pode ser (vamos á razão) como pode ser que adoeceffe Sam Paulo das enfermidades alheas, & que sentindo cada hum as suas, Paulo padecesse as de todos? Lá os outros enfermauam, & cá Paulo adoecia? como pode isto ser? Na charidade do Apostolo temos a soluçam da duuida. Como a charidade effencialmente he vniam, & vniação perfeitissima, de tal maneira vne os proximos entre si, que se eu tenho charidade, cada proximo he outro eu: *ut sint unum sicut nos unum sumus;* & como por estes laços sobrenaturaes, os homens se vnem entre si, & se identificaõ reciprocamente; daqui vem que pode, antes deue cada hum adoecer das enfermidades do outro porque necessariamente hão de ser os accidentes communs onde o foyeito he o mesmo. Por isso Sam Paulo (& o mesmo digo de Sam Roque) adoecia das enfermidades alheas, & sentindo cada hum as suas, elle padecia as de todos; tudo por beneficio de sua charidade. Adoecia das enfermidades alheas, porque a vniação reciproca do amor as fazia proprias; & sentindo cada hum o seu mal, elle padecia o de todos, porque sendo hum sõ por natureza, era todos por charidade. *Quem admodum si vniuersa orbis ecclesia esset sic in vnoquoque membro discruciabatur,* diz S. Ioaõ Chrysostomo. Adoecia em todos por sentimento, porque viuia em todos por amor: *quis infirmatur, & ego non infirmor?* Donde a mi me parece podemos dizer por hũa certa analogia

2. ad Corinth.

11.

Ioan. 17

Chrysost
hom. 25
in 2. ad
Corinth

analogia

analogia que o que lhe faltou a Deos em quanto causa primeira por perfeição de sua simplicidade, supprio Sam Paulo, & Sam Roque por perfeição de sua charidade. Deos nosso Senhor (como ensinão os Theologos) he primeira causa actiua, mas não he primeira causa passiuua. He primeira causa actiua, porque por sua immensidade, & omnipotencia obra com todos os que obrão, concorrendo juntamente com elles: & não he primeira causa passiuua, porque por sua simplicidade, & immutabilidade não pode padecer em si, nem receber accidentes extranhos. De maneira que obra Deos com todos os que obrão, mas não padece com os que padecem. Pois esta generalidade, & extensaõ, que não tem Deos em quanto causa primeira por perfeição de sua simplicidade, esta supprio Sam Roque com Sam Paulo por perfeição de sua charidade. Deos, como primeira causa actiua, obra com todos os que obrão: Roque como primeira causa passiuua, padece com todos os que padecem; & assi como he brazão da Omnipotencia Diuina, que ninguem pode obrar sem Deos, *Sine me nihil potestis facere*; assi he brazão da charidade de Roque, que ninguem pode padecer sem elle. *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

D. Tho.
in 1.º p.º 9
44.

Suar. in
meth.
diss. 22.
sect. 1.º

Ioan. 15

III.

ESTE sois, diuino Roque: este ao mundo todo, por beneficios, & este aos Religiosos desta casa por imitação; que pouco fora recebello debaixo de vosso patrocínio, se lhe nam communicáreis juntamente as gloriosas participações de vosso feruorozo espiritu. Verdadeiramente que quando considero (sejame licito, ao menos pellos privilegios de estranho, dizer o que venero, & o que admiro) quando considero a verdade com que pode dizer a casa de São Roque: *Quis infirmatur & ego non infirmor?* Que enfermidades, que males, q trabalhos ha em Lisboa, que a charidade desta casa não participe? Nos hospitaes, nos carceres, nas afflicções, & sentimentos particulares, que sempre são mais que os pu-

blicos quem os padece neste grande povo, que não reparta sua paciencia com a charidade dos Religiosos desta caza? Que enfermo que os não tenha à cabeceyra? que preso que os não ache à grade? que condenado q os não leve consigo ao lugar do supplicio? finalmente que necessidade (spiritual, ou temporal que não venha buscar aqui, ou o remedio, ou o alivio, ou a companhia? Quando tudo isto considero, me persuado que deve este graça a Companhia ao glorioso padroeiro desta casa, & q a gozaõ os Religiosos della, mais por padres de S. Roque, que por filhos de S. Ignacio. Lá quando aquelles Anjos peregrinos se agazalhãrão em caza de Abrahaõ, louva muyto Lypomano a charidade, com que Sara, & Ismael os serviaõ, mas não reconhece nelles esta virtude pello que tinhaõ de parentes senaõ pello que tinhaõ de domesticos de Abrahaõ. *Vxor accelerat, puer festinat: nullus piger est in domo sapientis.* De maneira que era filho Ismael de Abrahaõ, mas aquella diligencia, & charidade não resplandecia nelle, porque nascera de seu fangue, se não porque vivia em sua casa: era filho diligente, & charitativo, mas não era diligente charitativo por filho, senaõ por domestico, *Nullus piger est in domo sapientis*. Algũa razãõ tenho eu logo para dizer, que devem os Religiosos desta casa os fervores de sua charidade a Sam Roque mais, que a S. Ignacio; porque de S. Ignacio saõ filhos, mas de Sam Roque domesticos. Não saõ isto privilegios da filhaçaõ, saõ proveitos da moradia: no instituto, saõ obrigaçoens da vida que professamos, no exercicio, saõ influencias da casa em que vivemos.

Nem eu cuido que se poderá agravar meu Padre S. Ignacio de eu o considerar assi, porque estas graças, ou estas glorias todas tornão a demandar a fonte d'onde manarãõ, & S. Roque tambem foy filho de S. Ignacio. Não digo isto por querer imitar a devaçãõ, com que algũas Religioens perfilharão os Sanctos alheos, porque estes piedosos latrocínios soo se podem dissimular (posto que não encu-

encubrir) na confusão das antiguidades, & a nossa religião he tão pouco antiga, que mais se conhece de vista, que de memoria. O que digo, & o que entendo, he que S. Roque foy professo da Companhia em spirito, & filho de Santo Ignacio em Prophecia. A forma de vida, que por morte de seus pays tomou S. Roque, foy esta: renunciou seus estados, que era senhor de Mompelher, reparte com os pobres suas riquezas, parte a Italia, & alli, como dissemos, applicase a servir aos enfermos, tratando do remedio de seus males, como se foraõ proprios. Pois, glorioso Roque, Francez Divino, q̄ impetu de spiritu he este vosso que trocados de vida saõ estes tão contrapostos? aqui renunciais os bens proprios? alli tomais à vossa conta os males alheos? Si: que itto he ser professo da Companhia. O instituto da Companhia professa, consiste em renunciar os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. Consiste em renunciar os bens proprios, porque nenhũa casa professa da Companhia pó le ter propriedade algũa, nem ainda para a culto Divino, de que he tão zelosa; & consiste em fazer proprios os males alheos, porque esse he o voto, & obrigação dos professos, acudir aos males communs, & dos proximos como se foraõ proprios, & particulares. Este he o instituto da Companhia professa, & esta a vida, que professou S. Roque, segtindo em prophecia os exemplares de seu, & nosso P. S. Ignacio, & para q̄ não cuyde de alguem que perverte a ordem dos tempos, & chamo exemplares ao que devèra chamar imitaçoens, firmeha o pensamento S. Isidoro Pelusiota, que ainda em mais anticipada acção o considerou assi.

Considera S. Isidoro Pelusiota o amor, & resolução cõ que Rebecca para grangear a benção a Jacob se expoz ao perigo da mallição que elle temia, & diz desta maneira. *Rebecca Apostolica animi magnitudine predicta*: verdadeiramente Rebecca com grandeza de animo Apostolico: notay; Rebecca foy antes da vinda de Christo mais de dous mil annos, & ja então diz S. Isidoro que seguia as

Gen. 27

Isid Pelusiot li. 2. epist. 58.

pisadas dos Apostolos, & que copiava em anticipadas imitações os futuros exemplares de seu spiritu. E isto como, ou em que? Advertidamente o Pelusiota. *Vi ipsius filius benedictionem consequeretur, bonis quidem ipse cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Consistia esta imitação do spiritu Apostolico em que Rebecca para negociar a benção a Iacob renunciava nelle todos os bens, & tomava para si todos os males: *bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Esta he a summa de perfeição, & profissão Apostolica, fazer alheos os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. E se porque o fez assi Rebeca diz S. Isidoro que imitou em a prophesia o spiritu dos primeiros Apostolos; que muyto que fazendo o mesmo, S. Roque, diga eu tambem que imitou em prophesia o fundador dos Apostolos segundos? Mas seja embora como a devação de cada hum o quizer considerar, o certo he que de Sam Roque mais immediatamente se deriva aos Religiosos desta casa aquelle fervoroso spiritu de charidade, com que despois de alienarem de si todos os bens proprios, se aproprião tão intimamente dos males dos proximos, que puderão bem dizer, se o não callara sua modestia, com o Apostolo: *Quis inflamatur, & ego non infirmor?*

Assi dizia Sam Paulo, & melhor que assi o pode dizer S. Roque: porque ainda q̃ S. Paulo diga a boca chea, que adoecia de enfermidades alheas: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* he certo, & todos os Doutores o interpretão assi, que só adoecia spiritualmente por sentimento, & não corporalmente por enfermidade. Porem o zelo, sem exemplar, de Roque, de tal maneyra o entranhava nos males dos proximos, que não só adoecia na alma por sentimento compassivo, senão que chegou a adocer no corpo, como vimos, por enfermidade verdadeyra; vencendo nesta circumstancia de charidade a mesma charidade de S. Paulo. Dizia de si o Propheta Rey, *Tabescere me fecit zelus meus, id est charitas mea.* o meu zelo, a minha charidade

me faz andar palido, andar enfermo, andar tifico, andar mirrado. Pois como? se o zelo charitativo he hũa virtude q̄ está na alma, como adoezia de zelo David, & se êtifica-va no corpo? *zelo corpore tabescit?* Glosa aqui a Interline. *Interl. hic.* A razão deste excessõ he porque os affectos de nossa alma se são extremadamente intensos ateãose pella visibnança ao corpo, chegando o corpo a padecer por enfermidade o que a alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata; & como a charidade de hum affecto ardente, chega tal vez a dilatar-se tanto, que não cabendo na estreyteza onde nasceo, ou rebenta o coração, & morrestes: ou se comunica ao corpo, & enfermaes: *Tabescere me fecit charitas mea.* Tal foy a charidade de Roque, não chegando a ser tal a charidade de Paulo, para q̄ se veja quoaõ vigilante seruo se mostrou em abrir a Deos quando lhe batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos. *Vt cum venerit, & pulsaverit: pulsat per aegritudinis molestias. Confestim aperiant ei: aperimus si cum amore suscipimus.*

III.

E Amor que era tão Argos em acudir a Deos quando batia às portas de outros, ja se vê quoaõ vigilante seria em abrir quando lhe bateesse às suas. Andou tão engenhosa tambem aqui a charidade de Sam Roque, que se là em emulação de S. Paulo soube adoe- cer com as êfermidades alheas, cã ã imitação de Christo soube curar com as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina, he privilegio soberano q̄ só em Christo Senhor nosso se acha, de quem diz o Pro- pheta Isaias, *livore eius sanati sumus* que suas enfermidades, ou dores foraõ nossa saude. Com menos facilidade, mas com mais galantaria o disse o Evangelista S. Matheus & he hum dos textos de sua historia, que reconhecem os intepretes por mais difficultoso. Sárou Christo em Capharnaû grande multidaõ de doentes de diversas enfermidades, & referindo S. Matheus este milagre, diz *af- si, Omnes male habentes curavit, ut adimpleretur quod dictum est*

per Isaiam prophetam dicentem, ipse infirmitates nostras accepit, & egrotationes nostras portavit. Curou Christo todos os enfermos, que lhe apresentaraõ diz S. Matheus, & aqui se

Ita Sanctus sup comprio o que disse o Profeta Isaias, que tomaria Christo em sy nossas penas, & padeceria nossas enfermidades: *Is. cum* Notavel allegar de profecias por certo? Se Christo estava curando enfermos, & a profecia diz que havia de padecer nossas infirmitades, como se comprio neste caso a profecia? Padecer enfermidades, & curar enfermos, he a mesma cousa? Em Christo sy; a mesma cousa he ã Christo padecer enfermidades que curar enfermos, porque a

paciencia de suas dores foy o remedio, & medicina das nossas: *livore eius sanati sumus.* Por isso o Evangelisto quando vio a Christo milagrosamente medico, logo o considerou infallivelmente enfermo, porque aquelles efeitos de curar eram certezas de adoeecer. Onde a infirmitade era medicina não podia ter saude quem a dava. *Ei desuit* *sanitas ne nobis deesset:* disse com propriedade o O'eastro.

O'eastro in Isa. bic.

Tal o grande imitador da charidade de Christo S. Roque; que do sofrimento de suas enfermidades fez medicamento de nossa saude, & morreo ferido de peste sem remedio, para q̄ tivesse remedio os feridos de peste. Quem visse estar morrendo do mal de peste a Roque, & o visse se visto curar milagrosamente a tantos do mesmo mal, parece q̄ podera dizer ao Santo por admiracão o q̄ no calvario disserão a Christo por afronta. *Alios salvos fecit se ipsum non pot. st. saluum facere:* pode salvar aos outros, & a sy não se pode salvar. Pois se fã ou de peste a tantos, por q̄ se não cura tambem a sy? Sabeis porque? Não se curou S. Roque a sy, porque quiz que fãassemos nós: *Ei desuit sanitas ne nobis deesset.* Offereceo a Deus sua enfermidade por nossa saude, sua vida por nossa morte: adoeceo para que fãassemos, morreo para que viveffos: & ainda que tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quiz em

Mat. 27

pregar esta graça em sua vida, para poder testar della na morte. Alli o diz aõ as taboas de seu testamento. He mais

finô amor do proximo? ha mais perfeita, ha mais divina
charidade q̄ esta? Julgoa por tam divina, que não foraõ
menos q̄ demonstraçoens de divindade em Christo, os
que foraõ effeitos de charidade em Roque.

Estava S. Thome incredulo da resurreiçõ com os ou-
tros discipulos estra Christo cõ as portas cerradas, abre a
das mãos, & do lado, chega Thomè, & apenas tinha vis-
to, ou tocado as chagas, quando cae aos pès do Senhor di-
zendo: *Dominus meus, & Deus meus*: reconheço Senhor que
sois o meu senhor, & creyo que sois meu Deus. Mais cre
Thomè do que duuida: porque só duuidava de hum ho-
mem refucitado, & reconhece o mais por Deus verda-
deiro. Pois, discipulo incredulo, ategora não creis taõ ob-
stinado, como já credes taõ resolutos? E se nunca reco-
nhecestes em vosso mestre mais q̄ a humanidade, como o
confessais por Deus tam subitamente? q̄ he o que vistes
nelle? que he o que descobristes de novo? Vi (diz Tho-
mè) que deixou este senhor as mãos, & lado aberto para
render minha incredulidade; & quem não fecha as suas
chagas, para ter com que curar as miúbas, he mais, q̄ ho-
mem, he Deus: *Dominus meus & Deus meus*: *Novo genere ve-
stigia vulnerum divinitati perhibent testimonium*: Exclama
Santo Agostinho: cousa nova & prodigiosa, que chagas
de hum corpo humano sejaõ testimunho de natureza di-
vina. Mas que menos se pode arguir, que divindade, em
quem deixa abertas as chagas proprias para ter com que
curar as alheas? *Voluit exhibere in illa carne cicatrices vulne-
rum ut vulnera sanaret incredulitatis*: diz o mesmo S. Agos-
tinho. Estes pois que foraõ argumentos de divindade e
Christo, foraõ effeitos de charidade em Roque; o qual
podendo salvar do mal, de que estava ferido, não quiz fe-
char suas chagas, para ter com que curar as nossas, & re-
nunciando, com mayor milagre, os milagrosos privilegi-
os de sua virtude, quiz morrer indesejado a mãos da pes-
te, para que a peste morresse a suas mãos. Assim abria Ro-
que por charidade, quando affli batia Deos por enfermi-
dades

Ioan.

20.

Hoc sen

tivit in

terprete

& Theo

logi.

S. Aug.

ser. 156

de tēpo.

re.

Serm.

147. de

tempore

dades. *Pulsat per aegritudinis molestias, aperimus si cum amore suscipimus.*

V.

A mãos de Roque morreo, & morre a peste, ou reconhecendo a virtudo, ou obedecendo à violencia de sua intercessão; onde eu noto, quam bem se corresponde aqui o premio, & o merecimento, porque este segundo curar foy premio daquelle primeiro adoeecer. Sobre o *Præcinget se: & sint lumbi vestri præcincti* do Evangelho, notou com agudeza S. P. Chrysollogo que paga Deos na mesma moeda os serviços, que lhe fazem os homens. Cingivos para me servir a mi, diz Christo, que eu me cingirey (quem não affombra!) para vos servir a vós. E como a liberalidade de Deos he tão pontual nas correspondencias: com que mais igualmente se havia de premiar hum bem contagioso, que com dominar males contagiosos? Là dissemos ao principio que a charidade de S. Roque em emulação de S. Paulo era hum bem contagioso, que se pegava aos males, pois em pago de hũa virtude, que he bem contagioso, dese a Sam Roque virtude de curar males contagiosos. Algũa cousa disto temos em Ioseph.

Amava sua senhora a Ioseph tão perdidamente como sabemos; passou a affeição a locura, passaraõ as significações a violencias: deixou-lhe em fim o casto moço a capa nas mãos, & daqui se trocou aquelle excessivo amor em itaes excessos de aborrecimento, que dos laços dezejados se forjaraõ prizoens executivas, & foy posto em ferros Ioseph. Pois, Egyptia infiel, que mudança he este: tam repentina? Pouco ha tanto amor, & agora tanto aborrecimento? Se querias conquistar a vontade de Ioseph; principio foy de victoria, ficar com os despojos nas mãos. Pois porq̃ não continua teu amor a empresa? por que aborreces tanto, a quem amavas ha tão pouco? Quereis ouvir com admiração, porque? Porque lhe ficou nas mãos a capa de Ioseph. Assi como se pegão

pègão as enfermidades, tambem se pèga a faude . Se ba-
 staõ os vestidos de hum enfermo para se pegarem os
 achaques do corpo, tambem bastão os vestidos de hum
 Santo para se pegarem os affectos d' alma. Qual cuy-
 dais que foy o principio da conversão de Sam Paulo? Al-
 tamente o penetrou o juizo de Bernardo . Entre os que *Sic inte*
 apedrejavão a S. Estevão andava tambem Sam Paulo *lligit.*
 antes de convertido, o qual foy tam venturoso que lhe *Bern.*
 coube a sua conta gnardar as vestiduras do martyr. *Petrus*
Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui vo- *Damian*
cabatur Saulus. E que se seguiu dahi? Seguiu-se, diz S. Ber- *& alij.*
 nardo, que pello toque daquellas roupas, começou
 Deos a lhe tocar na alma; & dos vestidos de Estevão
 a quem apedrejava, se lhe pegou a mesma fè, porque
 Estevão morria. *Depo untur vestimenta martyris ad pedes* *Bern.*
persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestium fuerat conver- *serm. de*
tendus. Com particular providencia do Ceo se entre *S. Steph*
 gáraõ ao perseguidor os vestidos do martyr, para que
 tocandoos se lhe pegasse a fé, & viesse a seguir, como
 veyo, a ley que perseguia. *Qui ad tactum sacrarum vestium*
fuerat convertendus. Assi se converteo Saulo em Paulo, &
 assi se trocou o amor da Egypcia em aborrecimento . Fi-
 cou a Egypcia com a capa de Ioseph nas mãos: *Relicto in*
manus eius pallio fugit; & como pellos vestidos dos Sanctos,
 se pegaõ as inclinaçoens, & affectos d' alma, aborreceo
 logo a Egypcia a Ioseph, porque Ioseph aborrecia a E-
 gypcia . Communicou-lhe o aborrecimento ao coração
 pello tacto, & pegou-lhe a desafeição de Ioseph, soo
 porque pegou em suas roupas sagradas; *Ad tactum sacra-*
rum vestium.

Mas d' onde mereceo Ioseph (ainda não fechar os
 o pensamento) d' onde mereceo Ioseph que se lhe con-
 cedesse ja então o que foy privilegio singular do pro-
 thomartyr, & que ao toque santamente contagioso de
 suas roupas se produzissem tão maravilhosos effeitos?
 Se hey de dizer o que entendo, acho que nesta mes-

ma acção teve Ioseph o merecimento, & o premio. E se não, pergunto, porque deixou Ioseph a capa nas mãos da Egeyptia? Deixar em poder de seu inimigo hũa testemunha falsa contra sua innocencia, mais he temeridade, que confiança. Pois porque não faz força para trazer a capa consigo, porque não resiste, porque a larga das mãos? Venturosamente ao intento Santo Ambrosio *lib. de Ioseph cap. 17.* *Contagium indicavit si diutius moraretur, ne per manus adultere libidinis incentiva transfirent, itaque vestem exiit.* Largou Ioseph a capa nas mãos de Egeyptia porq̃ julgou que era mal contagioso seu torpe amor, & não quiz que pelas roupas se lhe pegasse a peste. *Contagium indicavit; itaque vestem exiit.* *Ab sy!* E Ioseph tem por mal contagioso o amor da Egeyptia; pois seja bem contagioso o desamor de Ioseph. Vos tendes por mal contagioso sua impureza; pois seja bem contagioso vossa castidade. De sorte que juntamente naquella capa havia hum mal, & hum bem, ambos contagiosos: o torpe amor da Egeyptia de cujo contagio fugio Ioseph, & o casto desamor de Ioseph, cujo contagio em parte se pegou à Egeyptia. Pois assi como Deos concedeo a Ioseph que fosse bem contagioso sua virtude, porque teve por mal contagioso o vicio alheo; assi concedeo a S. Roque que fôrasse de males contagiosos sua intercessão, porque fora bem contagioso sua charidade. Foy a charidade de Sam Roque hum bẽ taõ contagioso, q̃ se lhe pegavão os males & doencas de todos: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Pois seja digno premio deita contagiosa virtude que todos os males se rendão a seu imperio, & que não haja contigiao, nem peste no mundo, onde chegar a intercessão, & nome de Roque.

VI.

E S T E S são os merecidos prodigios de vossa charidade, glorioso, & poleroso Santo; & pois como divino avogado da peste exercitais tam obedecido dominio sobre todos os males contagiosos, hũa

hũa petição vos quero fazer, que serà a materia desta segunda parte, fio que vos não seja menos agradavel, que a primeira, porque os animos dezejosos de fazer bem mais os lisongea quem lhes pede, que quem os louva. A petição que faço, & a merce que vos peço, divino Roque, he que livreis o nosso Reyno de duas pestes muy perigosas, que não sey se vão ja corrompendo o saudavel clima de seus ares. São consequencias da guerra estas tam certas, como danosas: *Surgit gens in gentem, & regnum adversus regnum, & erunt pestilentia.* Mat. 24

Alguns haverà que seguindo a resolução de David dezejariaõ antes remedio para a guerra que para a peste, mas eu pella mesma rezaõ temo mais os rebates da peste, que os rebates da guerra. Poz Deos a David em sua eleição que de dous, ou tres males, que lhe ameaçava, escolheffe livremente o que mais quizeffe: & com ser taõ grande soldado David, quiz antes peste que guerra. 2. Reg.
A rãzãõ deu o mesmo Rey, como aponta o texto. 24.

Quia melius est, ut incidam in manus Domini, quam in manus hominum. Porque a guerra estava nas mãos dos homens, & a peste nas mãos de Deus; sempre são menores os males, que se dispensãõ pella mão de Deus, que os que se executãõ pella mão dos homens. Por esta rãzãõ temeo mais David a guerra, que a peste, & pella mesma temo eu mais a peste que a guerra; porque se lã a guerra estava nas mãos dos homens, & a peste nas mãos de Deus: cã a guerra está nas mãos de Deus, & a peste nas mãos dos homens. A guerra está nas mãos de Deus, porque Deus a tomou á sua conta, & nos dá tãõ milagrosos successos como cada dia vemos: a peste está nas mãos dos homens, porque os homens sam os que encontrãõ (nãõ fallo das tentaçõens, se não dos effectos) ou ao menos de sajudãõ o bem da patria.

Ora eu me puz a considerar como chamaria a estas duas pestes, que digo de Portugal; & por lhe não fazer as deffiniçõens compridas, deffinias assi. Pouca fee,

& Muyta fee . Pouca fee , isto he , pouca fidelidade : Muyta fee , isto he muyta confiança . Muyto confiados , & pouco confidentes são em Portugal os feridos da peste , de que Deus nos livre . Máo he que tenhamos occasião de dizer isto entre Portuguezes , mas pior fora se se não estranhàra . Cuydo que o mostrarey de maneira , que ao menos , se não persuadir o remedio , hey de justificar o queixume . Que esteja apestado de pouca fee Portugal , o pouo o diz commumente , & cuyda , que o prova ; mas ainda que a authoridade do povo he tão grande , que ella só bastou para canonizar a Sam Roque : julgue Deos os coraçoes de cada hum , que eu soo das mãos quero fazer juizo . Argumento assi . He certo que nas Cortes passadas se prometteram subsídios para a guerra quantos fossem necessarios á conservação do Reyno . Tambem he certo que se intentaram donativos , que se multiplicaram tributos , que se introduziram decimas , que se accrescentou a moeda o cunho , & o preço ; & com tudo vemos que he necessario repetir Cortes para arbitrar novos modos de tirar dinheiro effectivo , porque cada hum guarda o seu , & ha muy poucos que paguem o que lhes toca . Os muyto poderosos por privilegio , os pouco poderosos por impossibilidade , cada hum trata de lançar a carga aos hombros do outro , & tal vez caê no cham porque não ha quem a sustente . He isto assi ? ainda mal . Bem digo eu logo , que ha pouca fee em Portugal . Fé tão apertada de mãos , não he verdadeira fé .

Sic , s . Diz Christo no nosso Evangelho : *Lucerna ardentes in manibus vestris* : Que tenhamos tochas accesas nas mãos . Supposto que o lume destas tochas significa o lume da fee ; porque diz Christo que os tenhamos nas mãos : *In manibus vestris* ? Os actos da fee , no entendimento se produzem , no entendimento se recebem ; pois se a fee está no entendimento , como a poem Christo agora nas mãos : *Lucerna ardentes in manibus vestris* ?

Hũa razão muy verdadeira he, porque a fee practica,
 que Christo aqui ensinava, não consiste tanto em ver-
 dades do entendimento, quanto em liberalidade das
 mãos. Não he mais fiel quem melhor discorre, se nam
 quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo
 a fee em figura de tochas; porque a tocha se está acce-
 sa, gasta se, & se não se gasta, está apagada. O quantas
 tochas, que pudèram luzir gloriosas, se vem nesta oc-
 casiam apagadas miseravelmente! *Lucerna ardentis in*
manibus vestris: Portuguezes; se a fee he tam ardente
 como deve ser, veja se luzir nas mãos. Apertarem se as
 mãos, he sinal de frieza, & que não arde fogo no cora-
 çam. Amavam muyto os Magos, & criam verdadey-
 ramente naquelle Rey que acclamaram em Ierusalem,
 & como sabios, vede a protestaçam que fizeram de sua
 fee. *Proidentes adoraverunt, & apertis thesauris suis, ob-*
tulerunt. Prostrados por terra adoraram, & abrindo seus
 thesouros offererãõ. Sam Leon Papa. *Quod cordibus cre-*
dunt, muneribus protestantur. Na liberalidade com que ^{3 de E-}
 davam, protestaram a verdade com que ^{piphan.}
 que ahi costuma estar o coraçam onde está o thesou-
 ro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus cora-
 çoens. *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur*. Se
 vissemos que entravam os Magos em o presepio, & que
 vendo naquelle estado a seu Rey, lhe nam faziam ser-
 viço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com
 muyta razam que nam criam nelle verdadeiramente,
 & que aquellas cortezias foram enganolas, & aquel-
 las adoraçoens fingidas. Adorar, & não offerer, quan-
 do o Principe está em necessidade) dobrar os juelhos
 & nam abrir os thesouros, nam he vicio de avareza, he
 crime de infidelidade. Fee, & liberalidade são virtu-
 des synonimas, & quem está duvidoso no dar, não está
 firme no crer. O que os Magos offererãõ a Christo
 foy Ouro, Incenso, & Mirra; & dizem todos os Pa-^{Viraç}
 dres, & com elles conformemente a Igreja, que no ouro ^{Glossa.}
 confessa:

confessaram que era Rey: no incenso, que era Deus: na myrrha que era homem. *Auro Regem, thure Deum, myrrha*

Remig. mortalem. Oh grande confirmacão do que dizemos! De *Hilar.* sorte que interpretaram os Magos a fepella liberalidade *Ambr.* & para confessarem tres artigos offerecerão tres dona- *August.* tivos. *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem.*

Hier. Pois se a fee se explica pella liberalidade, se o dar he *Greg.* synonimo do crer, se a obediencia dos Reys se protesta com ouro nas mãos, *Auro Regem;* como não temerey eu que ha rebates de peste, ou sospeitas de pouca fee em Portugal, quando a liberalidade se perverteo em cubiça, & em vez de se pagarem tributos, pode ser que se multipliquem latrocinios? He bom genero de fee esta? Eu o direi. Perguntáram os ministros reaes a Sam Pedro se havia seu mestre de pagar o tributo a Cesar, & respondendo que si, mandou Christo a Pedro que fosse pescar, que na boca do primeiro peixe acharia a moeda que se pedia. *Et da eis pro me, & te:* & pagai, Pedro por mi, & por vós. Notay. Christo era Senhor do mundo, Sam Pedro era Principe da Igreja, & com tudo diz o Senhor, pagai por mi, & por vós, *da eis pro me, &* *Matt.* *te,* porque os tributos dos Reys, principalmente em *17.* tempo de necessidades grandes, tambem os grandes, & senhores he bem que os paguem. Nos bens, & males communs ninguem he privilegiado: sintam todos o mal que toca a todos. Mas não era isto o que eu queria ponderar. O em que muyto reparo he em mandar a providencia de Christo, que Sam Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parece que tocava por razam de officio ao Apostolo, que tinha o dinheyro; pois se Judas era o thesoureyro, ou procurador, se Judas era o que tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porque não manda Christo pagar o tributo a Judas? Direy o porque? Porque quem tinha animo para vender a seu Senhor, não tinha sitio para pagar o tributo. Nam pagou o tributo Judas, porque os Judas não pagam tributos. Ve-

jase agora se ha sospeitas de pouca fé, se ha feridos de infidelidade em Portugal.

Glorioso Santo, esta he a primeira peste de que vos peço nos livres este Reyno; & se não fora por temor de algũa irregularidade, não sey se vos pedira tambem, que a curasseis como a curou Sam Pedro. Defraudou Ananias a parte do preço, que devia por todo, aos pés dos Apostolos, como agora fazem alguns que pagam a decima, mas decimada: mandao vir diante de si Sam Pedro, julga o crime summariamente, notificahe a sentença em tres palavras, & foram tam rigorosas, & executivas, que no mesmo ponto com affombro, & tremor dos circunstantes cahio morto aos seus pees Ananias. Tanto rigor em hum discipulo de Christo, na piedade de hum Apostolo, nas entranhas d' hum Sam Pedro, & por hũa culpa ao parecer nam tam pezada? Si, diz Santo Ambrosio, & dà a razão. *Tanta erat infectus avaritiæ pestilentia, ut Sanctus cum Petrus, non tam emendare voluerit, quam damnare.* Deu sentença de morte repentina Sam Pedro a Ananias por defraudador somente do preço prometido; porque como estava inficionado com a peste da avareza, & podia inficionar, & apertar a outros, teve por melhor tirarlhe a vida, que esparlhe com perigo a emenda. Com este rigoroso remedio se curou ja algũa infidelidade em Portugal, exemplo que he bem ande nas memorias sempre vivo; mas aos fielmente Portuguezes bástevos o do glorioso Sam Roque para que assi como elle deu estado, riquezas, & quanto possuhia pella patria do Ceo, demos nós tambem com apostada resoluçam quanto temos pella defensam da nossa. Ainda ha comendas, ainda ha rendas, ainda ha joyas, ainda ha coches, ainda ha galas, & regalos, & em quanto houver sangue nas veas, haverá muyto que dar. Deese tudo pella patria, que nella fica, assi como deu Sam Roque tudo para nella o achar. E se o exemplo

Act. 5.

Ambr.
ser. 13.
de Sanctis.

Pierius

exemplo de Sam Roque, por alto, nos desfaya, & ha o-
lhos fracos, que cegam com tanta luz; abaxemos hum
pouco a vista, & veremos retratada aos pés do Santo
hũa acção irracional, mas generosa, que quanto mais fal-
ta do vfo da razão, estranha, & reprehende mais justa-
mente as fem razoens da infidelidade humana. Todos os
authores antigos fizeram ao cam symbolo da fidelida-
de, & quando esta nobreza não fora tam antiqua naquel-
le animal, o de S. Roque pudera ganhar este titulo para
toda a sua especie. Estava S. Roque no campo deitado ao
pè de hũa arvore pobre, desconhecido, solitario, enfermo
& no meyo deste desamparo tinha hum cam que levan-
do todos os dias hum paõ na boca sem comer delle bo-
cado, o sustentava. Isto sy q he ser leal; isto si que he ser
exemplo da verdadeira fidelidade. Chegar a tirar o paõ
da boca para sustentar com elle a seu Senhor. Laf-
tima he que carecesse tal generosidade de vzo de re-
zam, quando vemos tantas almas racionais tam mal
empregadas em sojeitos de menos honrados proce-
dimentos.

VII.

A Segunda peste (muyto me detive na passada;
será esta a peste pequena) A segunda peste,
deffinefe, Muyta fee, ou muyta confiança, &
deste mal està inficionada muyta gente, que se chamão
os demaziadamente confiados. Explicome. Ha cida-
des em Portugal que sem estarem tam longe de Castel-
la, como Roma de Cartago, nem as dividir hum mar,
senão hum pequeno rio, & a algumas hũa linha Ma-
thematica; tam confiadas estam de si mesmas, que por
mais que sam mandadas fortificar, não se fortificam, ha-
vendo (a maneira dos Spartanos) que onde estam os
peitos de seus Cidadãos não são necessarias muralhas.
Ha homens em Portugal, que sem terem gastado os an-
nos nas escholas de Flandes, nem campeado nas fronte-
iras de Africa, por mais que os mandam ter armas, &
exerci-

exercitallas tem por afronta, ou por ociosidade este exercicio; como se fora contra os fôros da nobreza prevenir a defensam da patria, ou pudèram, sem exercitar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que por constar de homens exercitados se chama exercito. He boa confiança esta com o inimigo à porta? He muy demaziada, & muy errada confiança. Desconfiar por temor, he covardia; mas desconfiar por cautella, he prudencia. Não quero desconfiança que faça desfayar; desconfiança que faça prevenir, si. E este segundo modo de desconfiar he muy necessario, principalmente aos Portuguezes, cujo demaziado valor os fez algũas vezes tam confiados, que o vieram a sentir mal prevenidos. A moderada desconfiança, não he achaque, se não esmalte da valentia. O valente dizem que hade ser desconfiado. Ao menos hum soldado Francez sey eu, & na milicia de sua profissam soldado de fama, o qual sempre foy valente ao desconfiado; Sam Roque. O que pondero he que deixou Sam Roque hũa vez a patria, & depois se tornou para ella. Que deixasse a patria quem queria seguir a Christo, com seguro discame obrava; que no remanso perigoso da patria, principalmente os poderosos como Sam Roque, mais occasiam tem de offender, que de servir a Deos. Pois se deixa a patria, & fuge della: porque a torna a buscar? Em hũa, & outra resoluçam obrou como desconfiado Roque. A primeira vez fugio da patria, porque desconfiou de sua virtude: a segunda vez tornou para a patria porque desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discurso o Santo entre valente, & desconfiado consigo. Eu se fico na patria, as occasioens sam muytas: se me falta virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? não ha outro se não fugir: alto, deixemos a patria. E depois de a ter deixado, como se tornára sobre si: fugir (diz Roque) he covardia: não querer vir às mãos com o inimigo, he pouco valor, pouco valor em hum soldado.

3. Reg.
19.

soldado de Christo? Não ha de ser assi: animo, volte-
mos outra vez para a patria; & assi o fez. Elias retrata-
do. Foge Elias de Iesabel, que lhe queria tirar a vida,
chega ao deserto, & começa a chamar, & desafiar a mor-
te. *Petivit anima sua, ut moreretur.* Tudo succedeo
no mesmo dia para ser mais achada a repugnancia. Se te-
me o Propheta a morte, como a chama? E se foge del-
la na cidade, como no deserto a desafia? Sam desconfianças de hum bem entendido valor. Na cidade fugio da morte porque desconfiou de sua fortaleza: no deserto desafiou a morte, porque desconfiou de sua fugida. O meyo em que consiste a fortaleza he entre o temor, & a ouzadia: temeo, & ouzou Elias sempre desconfiado, para em hũa, & outra acçam se mostrar valente. Tam longe está de valente o timido, como o temerario; & se em algũa parte está mais perigosa a conservaçam, he na presunçam de segura. Nema aqui nos faltará o Evangelho.

Quer Christo que estejamos em vella, bem assi como o fazem os servos diligentes, que esperam por seu Senhor. *Vt cum venerit, & pulsaverit.* (Aqui raparo) para que quando vier a bater. Bater? Logo fechadas ham de estar as portas. Pois se se fazem tantas diligencias, por pressa, & mais pressa, se ham de estar as roupas na ciata, se ham de estar as tochas nas mãos, & essas ja accefas; porque nam estaram tambem as portas abertas? Porque ensinava Christo a seus discipulos a ser vigilantes, & não bastam para a segura vigilancia olhos abertos com portas abertas: se não olhos abertos com portas fechadas. *Vt cum venerit, & pulsaverit.* Para que quando vierem de fóra achem em que bater primeiro. E se não bastão olhos abertos com portas abertas; que seria portas abertas com olhos fechados? Por semelhante descuydo se perdeu Troya. *Panduntur porta:* Eis ahi as portas abertas. *Invadunt urbem somno, vinoque sepultam.* Eis ahi os olhos fechados. O que importa he moderar a
a confiança

Virgil.
Aeneid.
2.

ã confiança com a cautella, & segurar o valor com a vigilancia: vigiar, armãr, & fortificar, exercitar, trabalhar, q̃ ainda que se tem trabalhado tanto, a empresa foy muyto grande, & he necessario mais.

VIII.

EO que mais necessario he que tudo (atẽgora como a Portuguezes, agora como a Christãos) he que as negligencias de dentro naõ defanimem, & descomponhão as diligencias de fõra. Quem me dera neste passo as forças, & o spiritu, que naõ tenho. He possivel que quando estamos recebendo enchentes de beneficios da divina misericordia, naõ façamos senãõ provocar com peccados a divina justiça! que quando devãramos andar humildes, & agradecidos a tantas merces, armemos os favores do Ceo, contra o mesmo Ceo, & façamos guerra a Deos com seus beneficios! que ainda se guarde pouca justiça! que ainda se trate pouca verdade! que agora reynem mais as invejas! que agora estejão mais em seu ponto as ambiçoens! que agora, porque Deos estã por nõs, nos ponhamos nõs contra elle! he boa confiança esta? Grandes motivos nos tem dado Deos de grande confiança; mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigaçoens. *Et vos estote parati* (diz Christo por conclusãõ do Evangelho) *quia qua hora non putatis, filius hominis veniet*. Estay preparados, & prevenidos, porque na hora em que menos o imaginais, vos pediram conta da vida. Muyto he difficultar Christo o remedio em hũa hora, a quem o põde ter num instantẽ! Se hum instante basta (que tal he a bondade de Deos) para hum arrependimento final, como nos atemoriza o Senhor cõ as brevidades de hũa hora? Parece que he estreitar os limites, & diminuir a opiniãõ gloriosa de sua misericordia infinita. Assi parece, naõ ha duvida; mas quer Deos antes menos reputada sua misericordia, que demasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deos of-

fêndendoo, he venerar hum attributo com injuria dou-
tro, & presumillo tam misericordioso, que possa ser me-
nos bom. *Absit ut ita aliquis interpretetur*: Deos nos livre
de sermos tam maos interpretes de sua bondade (diz

Tertul. Tertuliano) *quasi ex redundantia clementia celestis, libidi-*
lib. de nem faciat humana temeritatis: que nos sirva de tentação a
Panit. liberalidade divina, & faça nos costas a nossas temerida-
cap. 7. des com os exemplos continuos de suas misericordias.

Miseria he, & cegueira de entendimentos grande, que
nos traga desvanecidos, & deseydados, o que nos de-
vera fazer humildes, & temerosos. Porque Castella se
vay precipitando a tam conhecida ruina nos damos nós
por seguros? O miseria! porque Castella se vê em esta-
do, que já não pode resistir a seus inimigos, nos imagina-
mos vencedores dos nossos? O cegueira! Alè granos van-
mente o q nos devèra confundir, animanos oq nos devè-
ra affombrar, & enchenos de confiança, o que nos devè-
ra encher de temor. Não fallo do temor q faz timidos,
senão do temor q faz timoratos; não do temor que faz
temerosos dos homês, senão do temor q faz tementes a
Deos. Pergunto, senhores, porque està Deos irado con-
tra Castella, & a castiga tam riuorosamente? Não ha du-
vida q por seus peccados, por suas maldades, por suas in-
justiças, por suas soberbas, por suas incôtinências, &c. boas
restemunhas somos, como cõplices hũ tẽpo dos mesmos
delictos. Pergũto mais. O Deus de Castella, he o mesmo q
o de Portugal, ou outro? Esta pergũta não tẽ resposta. Pois
se o Deus he o mesmo; & em Castella castiga peccados;
como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castella
tem a ruina em seus vicios; como avemos nós de ter a
segurança nos nossos? Oh que bem aperton a força desta
razão o Propheta Nahũ, fallando com a cidade de Tyro.
Num quid melior es Alexandria populorum. que habitat in flu-
minibus. &c. Por ventura, ò Tyro, sois vòs melhor que a
grande cidade de Alexandria, cabeça de tantas Provin-
bias? Por ventura, ó Portugal, sois vòs mayor, & mais
popu-

populoso que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abiit in transmigrationem*; & com tudo Alexandria, ò Tyro, foy destruida: & com tudo Hespanha, ò Portugal vay se acabando. Pois se a Monarchia famosa das Hespanhas: se aquella, que pouco ha dominava facilmente o mundo, assi a castiga, & aniquila Deus por seus peccados; se lhe não val a Hespanha seu dilatado Imperio, se não se sustenta nos estribos de sua grandeza, se de suas proprias entranhas brotão as labaredas, com que se vay consumindo este Ethna, se tantos exercitos espalhados pello mundo a não defendem, se tantas frotas, & tantos milhoens a não focorrem, se tantas oraçoens (que he mais) se tanto culto divino, se tantas penitencias, & sacrificios não bastão a ter mão no braço irado da divina justiça: se tanto provocão a Deus os peccados de Hespanha; porque não teme Portugal os seus; porque os não teme, & os não chora? Não nos fíemos indiscretamente em milagres, & favores do Ceo: porque em grandes misericordias ensaya Deus grandes castigos: & todo este bem perderemos, se for mos ingratos. Com grandes milagres, & prodigios livrou Deus ao povo de Israel do cativoiro de Pharaó, em q̄ estavão, & com tudo, de tantos mil q̄ sahirão do Egypto, porq̄ peccárão despois de tão grande merce, sò dous entrarão na terra de promissaõ. Libertou os Deus por affligidos, & despois castigou-os por ingratos. Fiquenos esta advertencia, Christãos, consideremos bem esta verdade, obremos pellos dictames deste desenganho, para q̄ saibamos o q̄ principalmente devem os temer, & sobre q̄ bases podemos fundar legara a firmeza de nossas confianças. Agradar, & servir a Deos, & logo confiar animosamente.

E para que se jão efficazes estes remedios, Roque divino, de baixo de vossa protecção, & favor esperamos os effeitos de sua virtude. Francez, & Portuguez sois glorioso Sancto; & em hum, & outro titulo estão bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor nos focorrerá q̄ hum

hum Francez, quando as flôrentes Lizes de França, com
 tam hermanada correspondencia, assistem ao lado das
 Quinas Portuguezas? E quem mais natural Portuguez,
 & mais verdadeiro, que aquelle, que nasceo com o ha-
 bito de Christo sobre o peito esquerdo, publicando que
 era cavalleiro Francez por geraçãõ, mas Portuguez por
 nascimento? Todo o Reyno de Portugal vos encomen-
 do, divino Roque, pois tam duplicadas são as razoes
 com que confia em vosso favor. Encomendovos esta
 Cidade que com tanta devaçãõ, & frequencia solemni-
 za vossas sagradas memorias. Encomendovos esta Casa,
 que tam autorizada está com vosso patrocínio, & tam ri-
 ca, & tam sanctificada com o thesouro de vossas precio-
 sas reliquias. Encomendovos; mas não vos encomendo,
 que não he necessario, a vossa real, & illustrissima Irman-
 dade, em que vos serviraõ os Reys, & vos serve a melhor
 nobreza; & particularmente, como tam particular nella,
 vos encomendo, glorioso Santo, a quem hoje com tam lê-
 brada prevençãõ, & com tam anticipada liberalidade ce-
 lebra vossa festa ausente. A pessoa, a causa, os beneficios
 pedem que tenhais boas ausencias com quem as sabe ter
 tam pontuaes; & ainda que em distancia tanta, lá chega
 tambem a jurdiçãõ milagrosa de vossos poderes, que a
 hostilidade de nossos mal reconhecidos amigos, que ain-
 da aly não cessa, peste foy daquelle estado, & peste do
 mundo. Deste mal tam pernicioso nos ajudai a livrar po-
 deroso Sancto, aquella tam dilatada Provincia; a mais ri-
 ca, & mais preciosa joya desta Coroa; para que ou no des-
 canso da verdadeira paz, ou na superioridade de victori-
 osa guerra, se luza a conhecida prudencia, & valor de quẽ
 vos serve, & governa, & o sempre, & em toda a parte ef-
 ficaz patrocínio de vossa sagrada intercessãõ, nella qual
 esperamos tambẽ, mediante a graça, a gloria *Quã mibi, &c.*

LAVS DE O.